

O Contista - Joaquim Paço d’Arcos

Eugénio Lisboa



[...] Tendo vivido, desde muito novo, em África e no Extremo Oriente e, mais tarde, tendo passado largas temporadas nos Estados Unidos, toda essa mundividência virá a impregnar, com naturalidade e fluência, o tecido sedutor da sua narrativa curta. Paço d’Arcos fala com naturalidade desses mundos diversos, como habitante de direito e não como viajante superficial...

A África portuguesa significou, para o adolescente Paço d’Arcos, um mundo de seduções, de grandeza espacial, de amores iniciáticos e profundos, no centro do qual se destacava a figura mitificada do Pai. De um inquérito que lhe foi feito por Cruz Malpique, destaco esta significativa passagem que se refere a esse Pai, tal como ele lhe aparecia, na sua qualidade de governante do território, na Beira (Moçambique):

Nunca mais dediquei a homem algum a admiração, o respeito, o fervor que dediquei a meu Pai – não pela força do parentesco, mas pela permanente lição da sua vida. E talvez esse facto tenha paradoxalmente marcado a minha obra dum selo terrível: o da mediocridade de quase todos os homens que a povoam. Ao perder o meu Pai perdi o símbolo que me apontava a altitude.

É preciso ter em conta estes laços profundos – este Pai tinha muito que ver com a vivência africana e também asiática, nimbando-a de um halo de grandeza e pureza – para se compreender (o que não quer dizer aceitar) o tormento e a amargura que pôde significar, para o autor de *O Samovar*, a perda do território africano.

Eugénio LISBOA (2009) *O Contista – Joaquim Paço d’Arcos, Nova Cidadania* 40.

